

# REVEL(AÇÕES) FRATERNAS EM OBRAS DE VALTER HUGO MÃE

Ulysses Rocha Filho<sup>1</sup>

## Resumo

A chamada tetralogia do escritor Valter Hugo Mãe, da literatura portuguesa, tem muito a dialogar com as necessidades psicológicas do homem neste século XXI. Para tanto, partiremos de uma sistemática reflexiva sobre a amizade, o tempo e a memória para compreendermos os desdobramentos advindos de relatos múltiplos que as narrativas híbridas se tornam, dessa forma, espelhadas. O tema da fraternidade, literalmente a amizade entre pessoas que se doam ao semelhante, presente nos romances de Valter Hugo Mãe, com conotações épicas, pontua sua obra romanesca de forma bastante peculiar, senão inovadora. A começar pela inserção de uma escrita integralmente em letras maiúsculas, com a intenção do leitor enxergar a literatura como liberdade completa de pensamento. Depois, as especificidades dos narradores díspares, a intertextualização entre seus romances com autoria do velho mundo ou a desconstrução de pressupostos de Sartre ou da teoria do chamado pós-modernismo e/ou da modernidade líquida devem ser abalizadas à luz de leituras das obras de Umberto Eco, Fredric Jameson ou Edward Said, dentre outros. O fio condutor de toda a obra de Hugo Mãe é sua busca por uma humanidade essencial concatenando a voz poderosa do narrador com os fatos memorialísticos que, invariavelmente, abarca gerações. A chamada pós-modernidade se faz presente na apresentação e no enredo tanto presente quanto contemporâneo.

**Palavras-chave:** memória, Valter Hugo Mãe, literatura portuguesa, humanização, amizade.

---

1 Universidade Federal de Catalão, Ulysses\_filho@ufcat.edu.br

## Introdução

*O meu pai escreve poemas para descobrir aquilo que não sabe, eu disse. Respondeu: o Steindór lê poemas para explicar as coisas mais difíceis. As coisas mais difíceis escapam todas à ciência (MÃE, 2014, p. 36-37).*

Um mesmo objeto pode ser examinado de diferentes ângulos e em épocas diferenciadas ainda que o ritmo de sua narrativa seja menos acelerado que a vida do seu leitor amigo. Independentemente de possuírem gostos similares, a amizade resume-se em lealdade, confiança e amor.

Os quatro primeiros romances de Valter Hugo Mãe<sup>2</sup> são conhecidos como a tetralogia das minúsculas, incluindo o nome do autor, pretendiam chamar a atenção para a natureza oral dos textos e recondução da literatura à liberdade primeira do pensamento (*o nosso reino, o remorso de baltazar serapião, o apocalipse dos trabalhadores e a máquina de fazer espanhóis*). As minúsculas aludem, também, a uma utopia de igualdade. Uma certa democracia que equiparava as palavras na sua grafia para deixar ao leitor definir o que devia ou não ser acentuado, conforme definição crítica. O rompimento com o conjunto de livros avessos às letras maiúsculas – inclusive com o nome do próprio autor grafado em minúsculas – veio com a publicação de *O Filho de Mil Homens*, o quinto romance do escritor

A chamada *tetralogia/quadrilogia* do escritor Valter Hugo Mãe tem muito a dialogar com as necessidades psicológicas do homem neste século XXI, com o tema da fraternidade, mormente a amizade entre pessoas que se doam ao semelhante. Tal assertiva está presente nos romances de Valter Hugo Mãe com algumas com conotações épicas (são anos da vida entre personagens) e pontua sua obra romanesca de forma bastante peculiar – expediente utilizado, diga-se de passagem, na obra da escritora Inês Pedrosa, sob a ótica feminina.

Em grande parte de seus romances, predomina o amor e a amizade entre os personagens. De fato, tais temas não são comumente utilizados

2 Valter Hugo Mãe, nascido Valter Hugo Lemos em 1971, na cidade Saurimo, Angola (país da África Central) destaca-se, no panorama da literatura portuguesa, por carisma ou ecletismo e foi ovacionado pelo escritor português José Saramago (1922-2010) sendo *um verdadeiro tsunami literário. Escritor, editor e artista plástico, cursou pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Universidade do Porto. Possui livros publicados de poesia, contos e narrativa longa.*

na narrativa contemporânea e não sendo contemplados pelos autores contemporâneos. Reflete a partir da premissa de que amigos se sentem bem na companhia uns dos outros e possuem um sentimento de lealdade entre si, ao ponto de colocarem os interesses dos outros antes dos próprios interesses ou na sua busca por uma humanidade essencial concatenando a voz poderosa dos seus narradores com os fatos memorialísticos abarcando gerações (por isso registrados sendo épicos).

Assim se apresentou, maria da graça, fui empregada de limpeza, sim, mulher-a-dias, como se fosse mulher só de vez em quando, em alguns dias. e o são pedro perguntava-lhe, o que é que isso quer dizer. e ela respondia, matou-me o senhor ferreira, que a muito me andava a fazer mal e eu até já o via acontecer. O são pedro inclinava-se, cabeça para trás e barriga para frente, e ria-se, dizia, ó minha senhora, isso agora não tem valor, os mortos são todos iguais, não têm profissão e não lhes vale de nada o que aprenderam a fazer, ou parece-lhe que aqui existem quartos para limpar. a maria da graça insistia, mas morri sem vontade, foi o velho, por mim estava ainda a ganhar a vida, que não sou mulher de fugir a nada. O porteiro do céu encarava-a de perto, calando a sua gargalhada e espiando atentamente os olhos da mulher, e que terás feito tu para mereceres isso, perguntava-lhe, como podes esperar o perdão se ficaste ao pé do teu predador quando podias ter fugido (MÃE, 2008, p.12).

Como se observa, Maria da Graça, protagonista de *O apocalipse dos trabalhadores* (2008) é uma mulher-a-dias que também trabalha como carpideira com a amiga Quitéria, que por sua vez, dorme com homens em troca de dinheiro. No romance, Maria da Graça descreve-se como uma “empregada de limpeza, sim, mulher-a-dias, como se fosse mulher só de vez em quando, em alguns dias” (MÃE, 2008, p.12) deixando o leitor perplexo com a sua submissão e lealdade perante a vida que lhe foi apresentada.

Em *A máquina de fazer espanhóis*<sup>3</sup>, por exemplo, o relacionamento fraterno dos homens Silva (o velho protagonista e o companheiro de

3 António Jorge da Silva tem 84 anos de idade quando morre sua mulher, Laura. A morte não lhe era esperada, apesar da idade, mas sim porque pensava – ou assim desejava – de não ter que viver um dia sequer sem ela depois de passarem juntos 48 anos, terem dois filhos e viverem tranquilamente os tempos de ditadura em Portugal. A perda foi dolorosa, sentida

“cela”) demonstra bem essa lealdade entre si, a amizade (im)possível que poderá haver entre duas pessoas de tão diferentes origens:

o nosso inimigo é o corpo. ser velho é viver contra o corpo até chegarmos a um momento em que a luz do sol nos parece uma dádiva inestimável e vale a pena viver apenas para fazermos a fotossíntese das tardes. (pág. 146).

um problema com o ser-se velho é o de julgarem que ainda devemos aprender coisas quando, na verdade, estamos a desaprendê-las, e faz todo o sentido que assim seja para que nos afundemos inconscientemente na iminência do desaparecimento, a inconsciência apaga as dores, claro, e apaga as alegrias, mas já não são muitas as alegrias e no resultado da conta é bem visto que a cabeça dos velhos se destitua da razão para que, tão de frente à morte, não entremos em pânico [...] (p. 232)

Em geral, a literatura tem apresentado temas polêmicos, pós-modernos ou temas relacionados a outras mídias conforme a orientação editorial e a solicitação do público vez que é imperioso observar a tendência popular das urgências da modernidade.

[...] deixar um livro cheio de poemas que fiquem para sempre a comunicar com quem lhes pegue, é como deixar uma voz amiga de toda a gente, pense no que é hoje ler o camões e como aquilo ainda nos diz respeito, pense como será deixar por sua mão algo que também chegue ao povo, para que o povo conheça e se entereça consigo e com o nosso tempo [...]

[...] precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia, este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos, e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro, eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade [...]

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a cultura pop (anos '80 e '90, do século passado), o homem vivencia um período de acentuado desenvolvimento tecnológico e industrial,

---

com muita indignação, e o velho silva é colocado pela filha em um lar de idosos em Portugal chamado “idade feliz”. Seu amigo de isolamento é outro Silva, da Europa...

com diversas crises no campo político e social, no chamado mundo globalizado com seus temas recorrentes. O mundo atual está marcado pelo que se conhece como o processo de globalização, ou seja, pela crescente gravitação dos processos econômicos, sociais e culturais de caráter mundial sobre aqueles de caráter nacional ou regional.

Houve uma necessária retomada aos temas íntimos do ser humanos como, por exemplo, os sentimentos relacionados à amizade, relações familiares, o estresse, a espiritualidade, a reinterpretação de momentos históricos do país e, obviamente, o amor em estágio puro: lúdico e primevo. Uma retomada de valores humanitários: torna-se imperiosa a retomada de valores humanitários e de princípios éticos para a reconstrução e redescoberta do infinito potencial do ser humano, tendo como contraponto para o redimensionamento o amor e das relações humanas.

E eu começara a um bom tempo a comentar com a Laura que nos punham de boca fechada porque o ditador achava que sabia tudo por nós. vai lá, português pequenino, fica sossegado e quieto no teu canto que para pensar estou cá eu, tão sapiente e doutor. e ele pensava que éramos de facto todos inertes e cordeiros, obrigados às manifestações de louvor e proibidos de contestação. o salazar pensava, na verdade, que na pior das hipóteses eram todos como eu, um pai de família acima de tudo, cuja maior rebeldia será abdicar da igreja, mesmo assim discretamente (MÃE, 2012, p.132).

Pelo fragmento percebe-se que, gradativamente, a concepção do octogenário Silva sobre Salazar (período salazarista português) muda e essa nova orientação o leva a perceber as ações ditatoriais do governo, do mesmo modo que também fica mais nítida a manipulação ideológica orientada para a construção do homem estadonovista português. Nesse trecho da narrativa, o protagonista analisa o catolicismo com mais rigidez e já delinea o quanto se afastara dessa religião. Esse cuidado que Silva tem ocorre em razão da tentativa de preservar a sua família e tentar mantê-la livre de suspeitas, evitando, assim, qualquer ato de violência contra ela, principalmente à esposa Laura.

Entrei em casa como se nada fosse e não disse palavra à Laura sobre o assunto. O seu coração humano entenderia talvez o gesto, mas os filhos [...] davam-lhe medos e prudências para tudo. preferiria, tenho a certeza, que nunca nos arriscássemos a nada. era o modo que tinha de fazer a sua parte pelo mundo. não bulir com coisa alguma. não

arranjar nem querer confusões. por isso não gostava que eu discutisse com ela as coisas da política. queria que a política não fosse um assunto lá de casa. haveríamos de apreciar a poesia, o folclore e uns fados (MÃE, 2012, p.133).

Pelo exposto nos exemplos, o veio que se pode perfilar a partir dos quatro romances, já mencionados, é o percurso dos personagens que cruzam todos os romances em busca de suas identidades.

Uma salutar inquietação em um mundo movido pelas ondas conectadas em rede e massacres que estamos nos acostumando a viver com o avanço da tecnologia dos fios de cobre, fibras óticas, ondas de rádio ou micro-ondas ou sinais para captação de imagens e sons. Não se trata de uma fuga apressada do real e, muito menos, ser contrário aos avanços da tecnologia de ponta. Não! É uma revisitação do instituído, do que se tem herdado ao longo das últimas décadas. Trata-se de uma tentativa contemporânea para responder às angústias do presente em que se está vivendo. Fazer tudo rapidamente dá uma sensação de que não se deve perder tempo – o que pode ser ratificado no excerto abaixo (do romance *A desumanização* (2014) em que Halla é uma menina que está entre a infância e a adolescência e que perde sua irmã gêmea Sigridur. Com essa perda, a narrativa leva o leitor a sentir a crueldade da dor de Halla e da sua família pelo trauma da morte da gêmea.

Gostava que pudesse aparar meu corpo também. Ficar eternamente criança por vontade, nem que desse muito trabalho. Ser sempre assim, igual ao que fora minha irmã. O único modo de continuarmos gêmeas. Sabes, pai, se eu crescer e não crescer a Sigridur vamos ficar desconhecidas. Faz de mim um bonsai. Corta o meu corpo, impede-o de mudar. Bate-lhe, assusta-o, obriga-o a não ser uma coisa senão a imagem cristalizada da minha irmã. (MÃE, 2014, p.11-12).

O sociólogo Zygmunt Bauman (que reflete sobre a vida pós-moderna e outros temas contemporâneos) preconiza que a proximidade não exige mais a contiguidade física, nos dias em que vivemos; e a contiguidade física não determina mais a proximidade. Outrossim, o sociólogo reconhece que “seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento, mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso” (BAUMAN, 2003, p.76).

As relações humanas dispõem, hoje, de mecanismos tecnológicos e de um consenso capaz de torná-las mais frouxas, menos restritivas. É o que constata a crítica Goconda Bordon a refletir sobre o tema:

Se esse é o pano de fundo do momento, ele vai imprimir sua marca em todas as possibilidades da experiência, inclusive nos relacionamentos amorosos. O sociólogo Zygmunt Bauman mostra como o amor também passa a ser vivenciado de uma maneira mais insegura, com dúvidas acrescidas à já irresistível e temerária atração de se unir ao outro. Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros, nem tanta variedade de modelos de relacionamentos, e, no entanto, nunca os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever, ou reverter o rumo da relação.<sup>4</sup>

São inúmeros os casos de relacionamentos (épicos, envolvendo saga de amizade ou de desenvolvimento de amizade entre duas pessoas) nos romances de Mãe. Outros autores e personagens famosos da literatura mundial que já fazem parte do imaginário social, bastantes recorrentes no chamado imaginário coletivo : a amizade protetora que Dr. Watson nutre pelo detetive e Sherlock Holmes vai além, é claro, de estar sempre preocupado com os excessos de Holmes, personagem de ficção da literatura britânica criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle (1859- 1930); a construção do relacionamento entre o nativo Sexta-Feira e do famoso naufrago do romance inglês de Daniel Defoe (1660-1731), fábula da narrativa numa ilha isolada; a cumplicidade desenvolvida por Sancho Pança para acompanhar as viagens imaginárias de Dom Quixote, romance escrito pelo espanhol Miguel de *Cervantes* y Saavedra (1547-1616); a amizade entre Harry Potter e Ronald Weasley (Rony), amigos inseparáveis desde a infância da saga escrita pela britânica J. K. Rowling (nascida em 1965), ou de Frodo Bolseiro por Sam Gamgee, do épico *O Senhor dos Anéis*, criado pelo escritor, professor e filólogo britânico Sir John Ronald Reuel Tolkien, conhecido como J. R. R. Tolkien, J. (1892-1973) que se tornam mais que amigos, consideram-se a voz da consciência do outro.

Cada pessoa que passa por nossa vida chega só, mas nunca parte só, sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós. Diante do aforismo tão prosaico, vamos entrelaçando nossas vidas, sentindo saudades,

---

4 Consoante ensaio publicado no caderno “Fim de Semana”, da Gazeta Mercantil, em 31 de julho de 2004 e, aqui, adaptado

tentamos buscar, ao máximo, estar por próximo de quem somos amigos. A presença da memória como uma das principais marcas do romance pós-moderno revela uma relação de proximidade entre literatura e história.

*No romance O nosso reino*<sup>5</sup>, narrado por uma criança em pleno período da Revolução dos Cravos<sup>6</sup>, Benjamin e Manoel são os melhores amigos nesta história e como duas crianças que são fantasiam muito e tentam entender as coisas que vão acontecendo ao seu redor. A colônia tem como religião predominante o catolicismo (mas também aparecem elementos de religiões de matriz africana) e é daí que derivam as maiores fantasias de Benjamin. É através do que é posto pelos adultos enquanto religião e fé e da visão das crianças sobre isso, e, também, sobre o bem e o mal, que o autor vai inserido questionamentos sobre os rigores da religião e a prática do bem sem olhar a quem.

a minha avó rezava ao seu cristo que me tirasse as minhocas da cabeça. não sabia que haveria eu de ter, mas via-me nos olhos a timidez e alguma incompletude, avisava a minha mãe, o miúdo é meio sério, há que ver o que tem, parece preocupado, pode ser um ar que lhe entrou. (MÃE, 2012, p. 16)

muitas coisas se debatiam por chamar atenção dentro da minha cabeça. imagens, ideias, tudo vinha à superfície do pensamento e se misturava, para trocar posições, estabelecer ligações estapafúrdias, propor soluções impossíveis entre outras improváveis mas subitamente atraentes. (MÃE, 2012, p. 66)

O produto final da memória em idos ditos pós-modernos é a representação da experiência vivida – direta ou indiretamente – a partir de fragmentos recuperados e reorganizados segundo uma ordem orientada por um novo contexto que ressignificam passado no momento presente. Em *Poética do pós-modernismo*, Linda Hutcheon, ao apoiar-se no conceito de “presença do passado”, fala da contradição pós-moderna que reflete-se na consciência de que o presente pode alterar o passado que por sua

5 *O Nosso Reino* é o primeiro livro escrito por Valter Hugo Mãe (2004) e editado, pela primeira vez, no Brasil, em 2012, pela Editora 34.

6 O fim da ditadura portuguesa, salazarista, ficou conhecido como a *Revolução dos Cravos* e finalizou-se em 25 de abril de 1974. O governo, fora instituído por Antonio de Oliveira Salazar e representou período de extrema repressão política em Portugal. Inspirado nos ditames dos regimes totalitaristas italiano e alemão, essa ditadura dominou o cenário político português por mais de quatro décadas.



vez orienta o futuro. Sobre as questões temporais que inevitavelmente envolvem a relação entre história e literatura, ela afirma:

a separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-moderna, e as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita tem em comum do que em suas diferenças. (...) Assim como essas recentes teorias sobre a história e a ficção, esse tipo de romance nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo (HUTCHEON, 1991, p. 141)

A temática memorialista torna-se recorrente na construção de um romance que revive reminiscências pessoais, interpretando e reconstruindo a identidade do narrador, mas também de outros Silvas, que representam diferentes engrenagens de uma mesma máquina social

A construção da memória, ou melhor, a capacidade de recriar a memória das mulheres que não estão vivas, faz com que personagens de Valter Hugo descubram o “fio de Ariadne”<sup>7</sup> para que possam entender sua existência, expressar seus sentimentos, construir seu eu, enfim, sua subjetividade. A memória não obedece apenas à razão do porquê ela, também, está relacionada, por um lado, a tradições herdadas (a cultura, a política, os hábitos e os costumes milenares que, ainda, não se esvaíram, de forma totalizadora, nas calhas do tempo), que fazem parte de nossas identidades e que não respondem a nosso controle, e, por outro, a sentimentos profundos, como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem independentemente das vontades daqueles personagens.

Maurice Halbwachs<sup>8</sup> foi o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais. Rejeitando a ideia cor-

7 A mitologia grega conta que Teseu prometeu ao pai que mataria o Minotauro e voltaria vitorioso para Atenas. Ao chegar no palácio, Teseu conheceu a bela Ariadne, filha do rei, e se apaixonou perdidamente. Ariadne em vão tentou persuadi-lo a fugir para escapar da terrível morte que o esperava certamente no perigoso labirinto. Não conseguindo, deu a Teseu um novelo de fio de ouro explicando-lhe para desenrolá-lo ao entrar no labirinto. Desta maneira, após ter matado o monstro, ele reencontra, facilmente, o caminho de volta e não se perdeu como muitos haviam feito antes dele. e retomou o caminho de volta, seguindo o fio de ouro que Ariadne lhe havia dado.

8 Nos últimos anos, houve um interesse crescente pela obra de Maurice Halbwachs: sociólogo francês, discípulo de Durkheim, quando trata da originalidade de um pensamento cons-

rente em sua época de que a memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana, estabeleceu a tese de que os homens tecem suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos: determinadas lembranças são reiteradas no seio de famílias, convívio cotidiano no trabalho além das relações entre as pessoas.

Podemos, assim, nos perguntar, com Pouillon:

Haverá uma “memória” para os últimos? [fenômenos psíquicos]. Não o acreditamos: um fenômeno psíquico não se reproduz. Temos de reinventá-lo. A lembrança não é uma realidade e sim uma operação: não existe lembrança, nós nos lembramos. Nós nos lembramos captando em alguma coisa que nos esteja sendo dada uma outra coisa que não nos é dada: a significação do passado (Pouillon, 1974, p.40)

Ladeando a narrativa com assertivas poéticas, desde o romance de 2012, o resgate da memória afetiva (representado pelas lembrança de dois pré-adolescentes ou de dois idosos na Casa de Repouso Feliz Idade, do romance *A máquina de fazer espanhóis*) é fundamental o processo de desenvolvimento psicológico, de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal dessas personagens.

Através das vozes delas, com personalidades e épocas tão distintas, os romances de Valter Hugo Mãe apresentam vítimas das circunstâncias de um mundo (Japão, Finlândia, Portugal ou Angola) em que não se aceitava a pluralidade do amor e da amizade, com valores à moda antiga.

O mesmo sucede com o tempo da narrativa: retorce em torno de si mesmo, trazendo os ecos e vibrações enquanto que os caminhos vivos da espiral passam próximos um do outro. Parte da era moderna para os dias passados da realidade das mulheres envolvidas nas narrativas de amizade e companheirismo. Entretanto não é tempo retilíneo com temporalidades cíclicas.

Deve-se evidenciar que, ainda que haja um desfecho desfavorável a determinada situação ou personagem, o fato se relaciona a construção e edificação de uma grande amizade refletida na vida de duas pessoas. A

---

truído na contracorrente de ideias hegemônicas no universo intelectual de uma época. O interesse se deve ao estudo da memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo.

busca da identidade e memória pessoais se resvalam na memória coletiva. O microcosmo se torna macrocosmo nas narrativas poéticas de amizade e busca de identidade em Mãe.

O espelho que reflete o nosso estado d'alma, também revela o rosto sem máscara, o passar inclemente do tempo, revelando a alegria do rosto, a lágrima de felicidade ou de tristeza, traduzindo assim, a realidade da vida, os momentos que nos fazem perceber o rosto nu a mostrar o mais sincero do que nele podemos encontrar. O espelho é criador de múltiplas imagens, quase sempre ambíguas e reveladoras de aspectos mais interessantes do que os reproduzidos por uma imagem dita fiel.

A propagação teórica a respeito dos romances líricos ou das narrativas poéticas, (utilizamos essa nomenclatura na ausência de outra melhor) foi postulada pelo norte americano Ralph Freedman e pelo francês Jean-Yves Tadié, cujos estudos salientam a condição de um gênero híbrido e os rumos da arte. Em *The Lyrical novel*, Ralph Freedman estabelece como ponto de partida para sua análise as obras de Hermann Hesse, Andre Gide e Virginia Woolf – para ele, os mestres da narrativa com veleidades líricas.

## CONCLUSÃO

No romance com veleidades líricas ou narrativa poética, a personagem revela-se como a busca do desdobramento do eu. Diferentemente do romance tradicional, em que esta instância é muito bem demarcada, no romance lírico representa a pessoa na eterna busca de seu "eu", de sua imagem durante um período específico de sua vida e ressignificando sua condição existencial.

De acordo com Faleiros (2007), Jean Yves Tadié em sua obra *Le récit poétique* (1978), propõe uma modalidade de gênero a que chamou de narrativa poética, um gênero híbrido, situado entre o narrativo e o poético:

A narrativa poética em prosa é a forma da narrativa que toma emprestado ao poema seus meios de ação e seus efeitos, de modo que sua análise deve considerar ao mesmo tempo técnicas de descrição do romance e do poema: a narrativa poética é um fenômeno de transição entre o romance e o poema.[...] A hipótese de partida será que a narrativa poética conserva a ficção de um romance[...] Mas, ao mesmo tempo, procedimentos de narração remetem ao poema (TADIÉ apud FALEIROS, 2007, p. 159).

O que mais chama a atenção nesse(s) romance(s) não é o enredo em si (a morte separando um homem de uma mulher, a revisão memorialista ou a temática da saudade, o mundo gelado de um país a ser descoberto ou as tradições milenares do Japão), mas a poesia presente em toda narrativa, sua musicalidade suave, repleta de símbolos e metáforas que fazem a narrativa tornar-se densa, tanto de ideias quanto de forma.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

**Dicionário Houaiss Eletrônico**. Acesso em: 24/010/2021. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta>

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSS en, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Passados presentes**: mídia, política, amnésia. In: HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

POUILLON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

MÃE, valter hugo. **a máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2012

\_\_\_\_\_. **o nosso reino**. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **A desumanização.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **O apocalipse dos trabalhadores.** Editora Objectiva, 2008.

TADIÉ, J. -Y. **Le Récit poétique.** Paris: Gallimard, 1994

\_\_\_\_\_. **“Virei romancista sem querer”** [20 de novembro de 2008]. São João da Madeira: Labor.pt Semanário. Disponível em: Acesso em: 29 de setembro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Folheando com... Valter Hugo Mãe: entrevista.** [10 de dezembro de 2007]. Carnaxide: Portal da Literatura. Entrevista concedida ao Portal da Literatura. Disponível em: Acesso em: 29 de outubro de 2021.